

A produção de acervo audiovisual do Museu Suape: a musealidade dos debates políticos sobre impactos socioambientais de grandes empreendimentos.

The production of audiovisual collections at the Suape Museum: the museality of political debates on the socio-environmental impacts of large-scale projects

Hugo Menezes Neto*

Júlia Morim**

Alex Vailati***

Resumo: Pretendemos engendrar um debate sobre os acervos dos museus virtuais, partindo da experiência do Museu Suape, projeto que vislumbra formar um acervo fotográfico e fílmico, reunindo o que já foi produzido sobre o Complexo Industrial e Portuário de Suape (Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco), bem como, engajando-se em produzir peças novas, documentários atuais acerca do tema. Trabalharemos mais especificamente com a primeira produção audiovisual realizada pelo Museu, já disponibilizada no seu acervo, a série de filmes Vozes de Suape. A ideia é discutir os filmes não como a museália em si, mas como suporte para as narrativas dos/as moradores/as da Praia de Suape, pensando-as como os verdadeiros objetos das operações de musealização e detentoras de musealidade, por sua importância na chave política e social da atualidade e, posteriormente, para a história da comunidade, inevitavelmente ligada aos grandes empreendimentos instalados na região. Nesse sentido, descrevemos um pouco mais a relação da comunidade com os referidos empreendimentos; detalhamos o perfil do Museu Suape, seus conceitos, projetos e acervo; e, por fim, discutimos a musealização de narrativas como ponto forte desse museu virtual, expondo aquelas que compõem o filme Vozes de Suape, apresentando-as como formulações de um pensamento nativo, inscrito na empiria, que analisa criticamente a história e a experiência atual de destruição socioambiental.

Palavras-chave: museu virtual; Museu Suape; impactos socioambientais; Vozes de Suape.

Abstract: We intend to initiate a debate about the collections of virtual museums, starting with the experience of the Suape Museum, a project that aims to create a photographic and film archive, gathering what has already been produced about the Suape Industrial and Port Complex (Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco), as well as engaging in the production of new pieces, contemporary documentaries on the subject. We will specifically focus on the first audiovisual production made by the Museum, already available in its collection, the film Vozes de Suape (Voices of Suape). The idea is to discuss the film not as the museum piece itself, but as a medium for the narratives of the residents of Suape Beach, considering them as the true objects of the musealization processes and bearers of museality, due to their importance in the current political and social context and, subsequently, for the history of the community, which is inevitably linked to the large enterprises installed in the region. In this sense, we describe a bit

* Professor do Departamento de Antropologia e Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da UFPE. Doutor em Antropologia pela UFRJ. Realizou estágio de pós-doutorado em Sociomuseologia, na Universidade Lusófona (Portugal), onde também atua como professor colaborador. Líder do Observatório de Museus e Patrimônios Culturais e do Laboratório Interdisciplinar Natureza, Cultura e Técnica - AYE. Membro do Comitê de Patrimônio e Museus da Associação Brasileira de Antropologia.. E-mail: hugonetto0@gmail.com

** Graduada em Ciências Sociais (UFPE), especialista em Museus, Identidades e Comunidades (FUNDAJ), mestre em Antropologia e doutoranda em Antropologia, ambos na UFPE. É pesquisadora do Laboratório de Antropologia Visual e do Observatório de Museus e Patrimônios Culturais. Integra a equipe que vem desenvolvendo as iniciativas Museu da Parteira e Museu Suape. E-mail: julia.morim@ufpe.br

*** Antropólogo e documentarista, tem doutorado em Antropologia e Etnologia pela Università degli Studi di Torino (Itália) e realizou estágio de pós-doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina). Realizou pesquisas de campo na Itália, na África meridional, principalmente na África do Sul (KwaZulu-Natal), e Moçambique (Zâmbesia). Atualmente é Professor Adjunto no Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da mesma instituição. É coordenador do Laboratório de Antropologia Visual da UFPE. E-mail: alex.vailati@ufpe.br

more about the relationship between the community and these enterprises; we detail the profile of the Suape Museum, its concepts, projects, and collection; and, finally, we discuss the musealization of narratives as a strong point of this virtual museum, highlighting those that are part of the film *Voices of Suape*, presenting them as expressions of native thought, rooted in empirical experience, which critically analyzes the history and current experience of socio-environmental destruction.

Keywords: museum; Suape Museum; socio-environmental impacts; Voices of Suape.

Introdução

A construção do Porto de Suape, no litoral pernambucano, na segunda metade da década de 1970, na esteira de projetos desenvolvimentistas do período da ditadura militar, promoveu mudanças sociais, econômicas e ambientais significativas na região, impactando diretamente os modos de vida das comunidades locais. Ancorado em uma perspectiva de desenvolvimento pautado em grandes obras, desde então o complexo portuário vem se expandindo, atualmente agregando uma refinaria, dois estaleiros e mais de 80 empresas dos setores farmacêutico, eólico, de geração de energia e de alimentos, entre outros. Localizado a cerca de 50 quilômetros do Recife, capital do estado, o Complexo Industrial Portuário Governador Eraldo Gueiros (Porto de Suape) é um projeto sustentado em expectativas e promessas de melhorias econômicas e sociais - oferta de empregos, atração de turismo, urbanização, etc -, ou seja, em uma construção narrativa, notadamente por parte dos setores do governo e da indústria, de que o Porto traria consigo o almejado progresso e com ele, prosperidade.

A produção de propagandas, em textos e imagens, sobre o Porto evocava, e continua a evocar, o progresso, a articulação de Pernambuco com o restante do mundo, a capacidade de geração de empregos, ressaltando possíveis benefícios, notadamente econômicos, e encobrendo impactos negativos e conflitos decorrentes. Em sua fase de implementação, a importância do empreendimento era ressaltada também pela visita de personagens importantes como presidentes, senadores e deputados. Recentemente, com o incremento do debate sobre questões ambientais, a empresa estatal SUAPE, responsável pelo gerenciamento do complexo, vem trabalhando na construção de uma imagem de sustentabilidade. O forte componente imagético com essas perspectivas, que promete a aliança do cuidado com o meio ambiente e com o desenvolvimento social e econômico, é constantemente publicizada na mídia convencional e nas redes sociais.

Entretanto, as consequências da construção do Porto de Suape são sentidas em diversas esferas. No entorno do complexo, estão localizadas comunidades cujas

vidas, social e econômica estão relacionadas ao mar, uma vez que eram em sua maioria pescadores e marisqueiras, foram profundamente modificadas. A transformação decorrente da construção do porto, e conseqüente navegação de navios, é apontada como uma das possíveis causas de incidentes com tubarões na praia de Boa Viagem, no Recife, que aumentaram a partir da década de 1990, quando começaram a ser monitorados (Silva, 2024)¹. A baixa incorporação da comunidade local nos postos de trabalho do complexo e da rede hoteleira decorrente dos investimentos na região, as modificações no acesso à praia, a mudança na prática da pesca e a diminuição de oferta de mariscos devido às dragagens do porto são alguns exemplos do impacto na (sobre)vivência da comunidade (Alves, 2020; Costa, 2014; Mendonça, 2024). Comum a obras de grande porte, as mazelas sociais relacionadas ao tráfico, aumento de violência, urbanização precária e desordenada e suas conseqüências são heranças desse empreendimento (Scott, 2018; Menezes Neto; Silva, 2023).

O Museu Suape², um museu virtual dedicado a abrigar os registros fotográficos e audiovisuais dessa experiência, expõe, portanto, em seu acervo, a mudança na paisagem de um pedaço do litoral de Pernambuco, um conjunto paradisíaco de praias, ilhas e mangues, ocupado por pescadores/as, alterado para as atividades do complexo portuário de Suape. No entanto, como desdobramento do trabalho de coletar e disponibilizar os registros fotográficos e audiovisuais do período anterior à instalação do complexo, esse museu virtual também expõe o ponto de vista dos/as moradores/as, suas narrativas e memórias acerca da referida experiência. Logo, o Museu Suape promove o entrelaçamento entre imagem e memória, produzindo narrativas não apenas sobre os impactos ambientais de grandes empreendimentos, mas também, ou invariavelmente, sobre os impactos sociais e culturais que incidiram na comunidade local, notadamente aquela da Praia de Suape.

Entendemos a ideia de museu virtual como uma experiência museal em suas dimensões fundamentais - ligadas à preservação, fomento e difusão das memórias e

¹ Segundo a antropóloga Ana Cláudia Rodrigues da Silva (2024, p. 47), que estuda os incidentes com tubarões no litoral pernambucano, o Complexo Portuário de Suape é apontado como um dos fatores para o aumento de tais incidentes. Para a autora: "Com a intervenção no estuário do Rio Ipojuca, utilizado até então como ambiente de reprodução por parte dos tubarões, principalmente os de cabeça-chata, houve deslocamento forçado dessas espécies para o estuário do Rio Jaboatão, próximo às movimentadas praias de Piedade e Boa Viagem. Com a desterritorialização, tubarões são provocados a uma reação incomum, uma vez que ataques desses animais marinhos a humanos são raros no mundo (...). Intervenções negativas tanto com a construção do Porto quanto com a desordenada ocupação urbana do litoral, poluição dos rios e estuários formaram uma "paisagem feral" (TSING, 2019), e os tubarões tiveram que se adaptar, assim como os "humanos outros", deslocados de seus territórios pela ocupação capital".

² Esta pesquisa recebeu financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

patrimônios coletivos-, que longe de meramente simular o formato presencial, intenta produzir novos espaços e (contra)ações para o jogo, engendrado pela maquinaria museal³ (Menezes Neto; Silva, 2023) de disputas de narrativas e de construção de memórias sociais. Ressaltamos, nesse conceito, uma ética museal que reflete um entendimento de museu como dispositivo de legitimação de verdades e gerência do arquivo, nos termos foucaultianos (2013), atendendo a premissa de democratização das possibilidades de produção de conteúdos patrimoniais e memoriais, e de acesso amplo e a tais conteúdos

Pretendemos engendrar um debate necessário sobre importância dos acervos dos museus virtuais para a reflexão acerca da história e da vida social, partindo da experiência do Museu Suape, projeto que vislumbra formar um acervo fotográfico e fílmico, reunindo o que já foi produzido sobre o Complexo Industrial e Portuário de Suape, bem como, engajando-se em produzir peças novas, documentários atuais acerca do tema. Trabalharemos aqui mais especificamente com a primeira produção audiovisual realizada pelo Museu, já disponibilizada no seu acervo, os filmes Vozes de Suape. A ideia é pensar os filmes não como a museália em si, mas como suporte para as narrativas dos/as moradores/as da Praia de Suape, pensando-as como os verdadeiros objetos das operações de musealização e detentoras de musealidade, por sua importância na chave política e social da atualidade e, posteriormente, para a história da comunidade, inevitavelmente ligada aos grandes empreendimentos instalados na região. Nesse sentido, descrevemos um pouco mais a relação da comunidade com os referidos empreendimentos; detalhamos o perfil do Museu Suape, seus conceitos, projetos e acervo; e, por fim, discutimos a musealização de narrativas como ponto forte desse museu virtual, expondo aquelas que compõem o filme Vozes de Suape, apresentando-as como formulações de um pensamento nativo, inscrito na empiria, que analisa criticamente a história e a experiência atual de destruição socioambiental.

1. A Praia de Suape e os impactos socioambientais

Segundo o sociólogo Cristiano Ramalho, Suape sempre guardou uma farta riqueza ecológica, um rico ecossistema e uma posição geográfica privilegiada,

³ De acordo com Menezes Neto e Soliva (2023, 38), o termo maquinaria museal trata-se de “Uma alusão à ideia de “maquinaria patrimonial” do sociólogo Henry Pierre Jeudy (2005). Corresponde, a grosso modo, ao conjunto de atores envolvidos com o patrimônio (em suas hierarquias simbólicas e disputas), as operações (tais como conceituação, definição, seleção, patrimonialização, difusão, preservação e salvaguarda), e a gerência dos discursos acerca de bens culturais legitimados como tal.

uma “exuberante paisagem natural composta de mangues, estuários, remanescentes de Mata Atlântica, cercada pelos rios Massangana e Ipojuca e banhada pelo Oceano Atlântico,” (Ramalho, 2017. p.32). Até aproximadamente os anos de 1970, quando da chegada dos projetos de desenvolvimento, ou dos grandes empreendimentos desenvolvimentistas, Suape era basicamente uma paradisíaca vila de pescadores do município do Cabo de Santo Agostinho. Como já dito acima, estamos falando do passado de uma pacata, e nada turística, vila de pescadores que se transformou, rápida e desordenadamente, em território de interesse econômico portuário e industrial (Alves, 2020)⁴, com vistas a sanar as limitações estruturais apresentadas pelo Porto do Recife, a aumentar o volume das importações e exportações, e a implementar um parque industrial e empresarial (Santos, 2011). Vinte anos depois, a partir dos anos de 1990, uma nova perturbação ocorre à vila. Um hotel resort é instalado na praia, mais precisamente na região conhecida como pontal, repleta de manguezais, acionando o interesse turístico e predatório (Silva; Menezes Neto, 2024). O complexo portuário captura o nome da praia, Suape, uma área que assim define Mendonça, explicando a cronologia exata da instalação dos empreendimentos:

Cercada por, além do mar, recifes de corais, rios, estuários, manguezais e a mata atlântica, a praia de Suape é definitivamente um local de condições naturais privilegiada, vizinho a duas ilhas, Cocaia e Tatuoca, do município de Ipojuca. Atualmente, o bairro de Suape, como é entendida a praia do ponto de vista da administração do município, cresceu e foi se modificando ao longo dos anos, na medida que esses grandes empreendimentos, amparados no discurso capitalista e desenvolvimentista do estado, chegaram na região. Nesse sentido, se deu a construção em 1979 – e, posteriormente, a ampliação em 1989 e em 2008 – do Porto de SUAPE, e do Resort em 1999 (Mendonça, 2024, p.06).

A presença e atividade do Complexo Portuário e do resort (que já teve várias bandeiras)⁵ causam diversos conflitos socioambientais, especialmente na disputa pelo

⁴ Gabriel Alves (2020) explica que aquela área litorânea específica apresentava os requisitos naturais essenciais para a instalação de um porto, como águas profundas junto à linha da costa, quebra-mar natural formado por cordão de arrecifes e extensas áreas aplainadas reservadas e convenientes à implantação de um parque industrial.

⁵ Como exemplo de conflito direto com a instalação do resort, vale acessar o trabalho de Cristiano Ramalho (2017, p.39), sua descrição analítica explana o gesto capitalista destrutivo e a despreocupação com a comunidade por parte da empresa hoteleira: “Inicialmente, a empresa hoteleira buscou despejar os pescadores da orla, sem qualquer ressarcimento, já que boa parte da praia era ocupada por suas casas, barcos e redes. Só que o hotel teve que recuar dessa iniciativa, pois alguns pescadores estavam dispostos a não sair do local, sendo, posteriormente, apoiados por uma ONG e a Associação de Moradores, que pressionaram para que isso não ocorresse, a partir das ameaças de chamar a imprensa televisiva para o local. Elaborando alternativas para transferir os pescadores, o hotel buscou financiar a construção de suas casas em um novo local não distante da praia, com a promessa de dar suas posses em definitivo, já que antes os pescadores não a detinham e suas moradas eram mocambos. Ademais, as casas seriam construídas de alvenaria, saneamento, água encanada, energia elétrica, diferentemente das habitações usuais dos pescadores; fato que acabou sendo aceito por eles, com a condição de que

usufruto do território com a população. Os primeiros relatório e estudo de impacto ambiental (EIA/RIMA) sobre as atividades do complexo de Suape, elaborados no ano 2000, apontam três grandes riscos e danos ambientais: (1) a contaminação de mangues, rios e marés por dejetos industriais, (2) a emissão de poluentes e materiais particulados na atmosfera; e (3) a degradação ambiental decorrente das atividades de dragagem e derrocamento para o aprofundamento do canal (Mendonça, 2024). Destacamos que esses danos ambientais e alterações irreversíveis na paisagem provocam, sobretudo, mudanças na tradição pesqueira e, conseqüentemente, na dinâmica social e cultural da comunidade.

Estamos falando de alterações profundas das condições naturais, conseqüentemente do gesto inevitável e previsível das forças desenvolvimentistas capitalistas de poluir, degradar e modificar os territórios, sem dar atenção às comunidades locais que viviam em relação simbiótica com o ambiente, nesse caso, pescadores e pescadoras que precisam do mar, dos mangues, das ilhas, da mata nativa, para a subsistência. Os ambientes marítimos contaminados comprometem as atividades pesqueiras, colocando em risco a sobrevivência, o modo de vida e as relações comunitárias dos/as pescadores/as suapenses (Ramalho, 2017). Compartilhando esse mesmo ponto de vista, Menezes Neto e Silva (2024: 20), afirmam: “Há décadas a Praia de Suape vive as intervenções de grandes empreendimentos, e o efeito não se converte plenamente na melhora da qualidade de vida, ao contrário, a degradação do ambiente, inevitavelmente provocada por eles, mostra-se uma força dos processos de precarização da vida”⁶.

Da perspectiva museológica e, em outra medida antropológica, a comunidade da Praia de Suape, principalmente seus membros mais antigos e as lideranças comunitárias, produz um repertório de narrativas sobre vida social antes dos empreendimentos, além de um elenco de ideias e pensamentos produzidos por décadas de debates políticos. Nas falas dos “nascidos e criados na Praia de Suape” alojam-se histórias da instalação do Porto, da construção do Hotel, do “desenvolvimento da vila”, dos ganhos e, sobretudo, das perdas. Nessas falas estão as antigas paisagens, as tradicionais técnicas de pesca, as lembranças das festas

ficassem bem próximo ao mar; situação aceita pelo resort. Todavia, até hoje, as referidas posses das casas não foram ainda repassadas aos pescadores definitivamente”. Sem destacar, no entanto, a poluição, o desmatamento e a turistificação também provocados pelo empreendimento.

⁶ Silva e Menezes Neto (2024, p.21) refletem a partir da ideia de precariedade, de Judith Butler (2019), apontando a desintegração da rede formada entre humanos e não humanos que compõem a vida na Vila de Suape, “emblemática do que ocorre em outras áreas em que a dinâmica social era forjada na intrínseca relação com o mar, com os manguezais, com os rios, com as árvores frutíferas e com outros animais coabitantes do espaço e partícipes da referida dinâmica”.

públicas, das organizações familiares, das associações para as disputas simbólicas e/ou jurídicas. No entanto, como a comunidade garante a preservação dessa repertório? Qual a melhor forma - se não em um museu comunitário, participativo e de livre acesso - para guardar as reflexões acerca de tudo o que foi vivido coletivamente? O Museu Suape, criado para abrigar vestígios materiais começa, de modo inadvertido, a musealizar a luta política da comunidade da Praia de Suape.

Figura 1 - Casario de taipa e palha na Praia de Suape.



Autor: Sidney Weissman, 1977. Coleção PECCIPS-FUNDAJ/Museu Suape.

2. O Museu Suape

O Museu Suape surge da aproximação da Universidade Federal de Pernambuco, por meio do Departamento de Antropologia e Museologia, com a comunidade de Suape, localizada na praia de mesmo nome, devido ao derramamento de óleo ocorrido no litoral nordestino em 2019. Os projetos de extensão⁷, voltados ao estudo do impacto desse acontecimento, precisaram ser reorientados em razão da pandemia de Covid-19, sendo executados à distância, culminando na produção de um

⁷ Projetos de extensão "Tenda Itinerante", coordenado pelos professores Ana Claudia Rodrigues da Silva e Hugo Menezes Neto, do Ayé - Laboratório Interdisciplinar Natureza, Cultura e Técnica e o "Projeto SUAPE: outras narrativas e memórias", coordenado pelo professor Alex Vailati do Laboratório de Antropologia Visual (LAV), ambos laboratórios vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE.

documentário⁸ realizado pelos moradores da localidade, na descoberta de acervos audiovisuais das décadas de 1970 e 1980, sob guarda de duas instituições públicas, a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e o Museu da Imagem e do Som de Pernambuco (MISPE), e na reunião de coleções fotográficas mais recentes, dos anos 2010. O giro de perspectiva dos projetos iniciais provocou o acionamento de narrativas e a produção de contranarrativas a partir do suporte audiovisual, que veio a resultar nesse museu conformado por "um conjunto de ações realizadas no território- de Suape e que propõe, de forma virtual, disponibilizar imagens produzidas sobre o lugar ao longo dos últimos cinquenta anos, para que as memórias sejam compartilhadas e se tornem um ponto de partida para reflexão sobre o futuro" ⁹.

Ao precisar se adequar à condição pandêmica, a equipe voltou-se ao mapeamento *online* de coleções fotográficas sobre aquela região com vistas a abordar outras memórias possíveis acerca da relação da comunidade com as transformações vivenciadas nas últimas cinco décadas. Em um primeiro momento, essas imagens foram alocadas no *site* "Suape: outras memórias" como forma de possibilitar o acesso aos resultados da pesquisa, uma vez que partia-se do conceito que muitas imagens foram "roubadas", ou seja, produzidas e nunca retornadas à comunidade. Como desdobramento daquele projeto inicial e mais pontual, considerando a forma como estava sendo estruturado, ou seja, o suporte virtual, a organização em coleções e a memória como ferramenta de reflexão e pulsão, tomou força a ideia de um museu para o qual essas e outras imagens pudessem convergir. O acionamento do conceito de museu articulou acervo, pesquisa, extensão e, principalmente, ações em diversas frentes, para além do virtual, agregando professores, estudantes de graduação e pós-graduação e moradores da Vila de Suape.

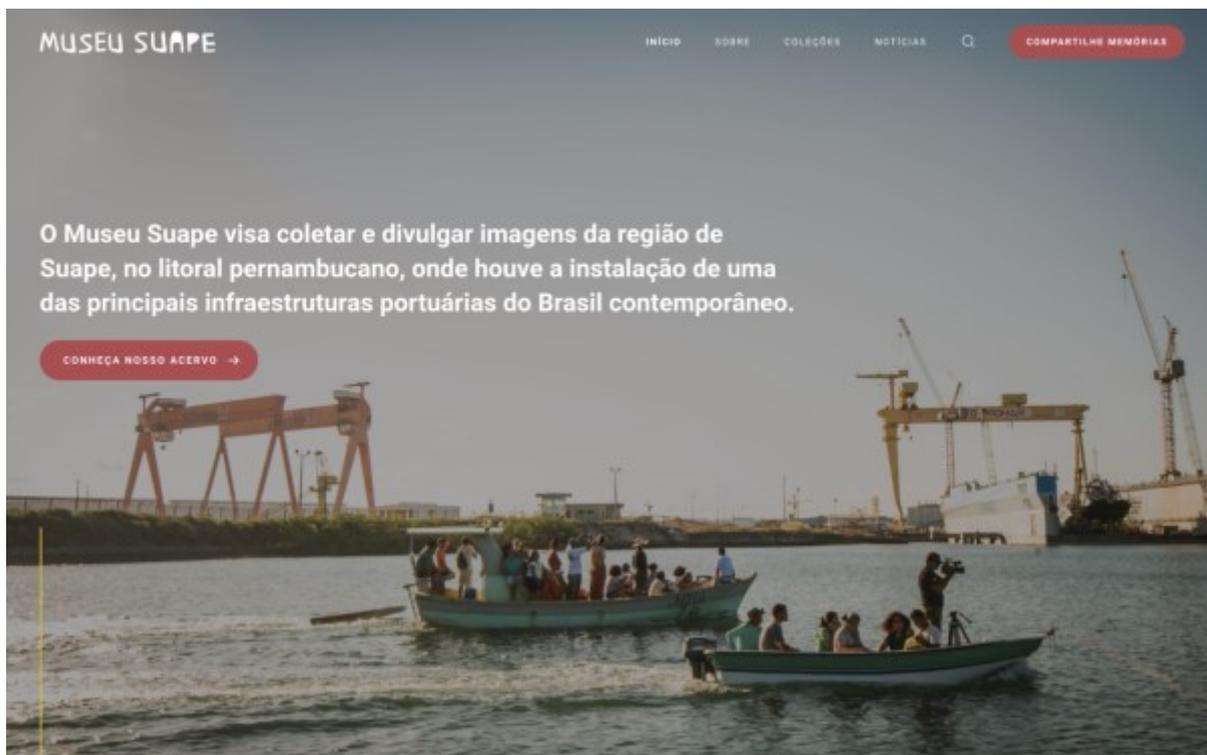
Pensando para existir por meio de projetos e ações a serem desenvolvidos a partir de financiamentos diversos, com dois principais eixos de atuação, quais sejam o mapeamento e incorporação de acervos audiovisuais e a produção audiovisual, o Museu Suape instalou-se no endereço www.suapemuseu.com.br. Ao conjunto relativo ao projeto de extensão inicial foram adicionadas as coleções do MISPE e da FUNDAJ, além do material produzido pelo próprio museu. O *site* foi organizado de forma simples, visando o fácil acesso e navegação, dividido em aba inicial, onde há um resumo do site; aba sobre o museu; aba para as coleções; aba em que são publicadas notícias relacionadas à Suape; e uma aba pela qual o público tem a possibilidade de

⁸CONTAMINAÇÕES: Caminhos e Memórias da Praia de Suape, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=cCCb1V9UNwo>

⁹ Disponível em: <<https://suapemuseu.com.br/sobre/>>. Acesso em: 10 set. 2024.

entrar em contato com o museu a fim de compartilhar suas memórias e histórias ou contribuir com algum dado relativo ao acervo, colaborando, assim, com a construção do museu.

Figura 2 - Captura de tela da página inicial do site do Museu Suape, 2024



A coleção do MISPE foi descoberta por acaso, durante uma outra pesquisa de Alex Vailati, um dos professores envolvidos nos projetos de extensão. Foi sugerido pelo gestor do museu como um dos acervos que precisavam de cuidados para sua preservação e que tratavam de Suape. As 75 bitolas de filmes em Super 8 haviam sido gravadas entre o final da década de 1970 e o início de 1980 e, conforme catálogo, já que não havia como visualizá-los, registravam a construção do porto e o cotidiano da comunidade. Por meio de um projeto financiado pelo Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura¹⁰, os filmes foram higienizados e digitalizados. O processo de catalogação se deu de forma colaborativa por meio de exposições para os envolvidos: o cinegrafista Carlos Cordeiro, responsável pelas imagens, jornalistas que atuavam na época, e a comunidade de Suape, quando buscou-se uma construção conjunta de

¹⁰ O projeto "Crônicas de uma transformação: Preservação do acervo fílmico sobre a construção do Porto de Suape" recebeu o 7º Prêmio Ayrton de Almeida Carvalho de Preservação do Patrimônio Cultural de Pernambuco (2022) ofertado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE).

uma narrativa sobre as imagens. Como uma ação do Museu Suape, a noção de retorno e de devolutiva fundamentou a execução do projeto. Assim, foram realizadas reuniões com exibições do conteúdo no Laboratório de Antropologia Visual (UFPE) e na casa de pessoas referências da Vila de Suape, quando foi possível identificar lugares, pessoas e eventos. Como culminância e encerramento desse projeto, foi realizada em outubro de 2022 uma exibição na praça principal da Vila de Suape, com convocação para as comunidades vizinhas de Nazaré e Gaibu, as quais mantêm estreita relação com Suape, na qual estiveram presentes cerca de 400 moradores. Esse encontro das imagens com a comunidade, em uma grande tela e de forma coletiva, mobilizou lembranças, sentimentos, questionamentos e instigou a pensar o contexto atual. O processo de descoberta do acervo e seus desdobramentos foi analisado por Morim e Vailati (2023) que destacam a natureza privada dessas imagens, as quais não foram produzidas para difusão, seja por sua razão de produção original ou pela falta de vontade para sua circulação. Portanto, estavam adormecidas. Com a interferência do museu, as imagens foram acordadas, divulgadas e se tornaram públicas. Esta é uma das forças desse museu porque ao se propagarem está sendo produzida "uma nova musealização, a partir de e com outros pontos de vista, entendendo as imagens não como meros registros despreocupados. Múltiplos olhares estão convergindo para uma musealização, na qual as imagens podem ser acionadas para construção de uma contranarrativa." (Morim; Vailati, 2023, p.193).

Figura 3 - Exibição dos acervos do MISPE e FUNDAJ para Dona Oneida Tibúrcio de Lemos, em sua residência.



Autora: Júlia Morim, 2022.

Figura 4 - Exibição dos acervos do MISPE e FUNDAJ na Praça da Vila de Suape



Autor: Museu Suape, 2022.

O acervo sob guarda da FUNDAJ foi encontrado durante as atividades do Museu Suape. De autoria do fotógrafo Sidney Waismann, é composto por mais de sete mil fotografias produzidas nos anos de 1977 e 1978 no âmbito do Programa Ecológico e Cultural do Complexo Industrial do Porto de Suape (PECCIPS), o qual tinha como objetivo produzir estudos, levantamentos e documentação fotográfica para avaliação dos possíveis impactos da implantação do porto e seu complexo. A coleção tornou-se objeto de pesquisa de Máira Acioli, doutoranda do PPGA/UFPE e membro da equipe, que, considerando o seu volume, realizou uma curadoria, parte da qual está disponível no *site* do museu. Assim como com os filmes em Super 8, a seleção de fotografias em preto em branco, que exibem paisagens, festas e a rotina da região, foram apresentadas aos membros da comunidade de Suape e também exibidas em praça pública em outubro de 2022. Essas exposições permitiram uma complementação das informações catalogadas, notadamente no que diz respeito à identificação das pessoas que são retratadas, muitas das quais se reconheceram durante a exibição na praça. Ao analisar o processo de devolução desses acervos, Vailati e Acioli (2023)

indicam que as fotografias aguçam as memórias e iluminam as transformações na paisagem na comparação do antes e depois do porto. O caso da ilha de Cocaia, é destacado pelos autores, uma vez que parte da população não sabia de sua artificialidade, pois é resultado de dragagens realizadas para possibilitar o trânsito de navios. Atualmente, a ilha é centro de disputas visto que há a previsão da instalação de um terminal de minérios no local, o que está mobilizando as comunidades da região. Nesse contexto, a utilização das coleções do museu colaboram para "repolitizar as imagens do acervo, elaborando a perda do passado numa mobilização social contra mais uma expansão do porto" (Vailati; Acioli, 2023, p. 230).

Figura 5 - Vista aérea do Porto de Suape com Ilha de Cocaia e estaleiro Atlântico Sul ao fundo, à direita, e abertura artificial do molhe de arrecifes no centro.



Autor: Marcelo Lacerda, 2015.

Dessa forma, afora a publicização e disponibilização das coleções¹¹, o museu vem produzindo peças audiovisuais próprias a partir da articulação de novas imagens às imagens do acervo, compondo narrativas outras, adicionando camadas e sobrepondo temporalidades, a exemplo dos filmes Museu Suape n° 1 (2023)¹² e

¹¹ Atualmente estão disponíveis no *site* sete coleções.

¹² Disponível no canal de Youtube do Laboratório de Antropologia Visual (LAV) por meio do link: <https://www.youtube.com/watch?v=0t6PURQQMmw>

Museu Suape nº 2 Ouriçada Cocaia Vive (2023)¹³. Para além da virtualidade e de realização audiovisual, que busca utilizar-se de seu acervo em novas produções, o museu abriga projetos de pesquisa, que visam fomentá-lo; o incentivo a reflexões, com elaboração de artigos e publicações, e à participação social, fazendo-se presente em reuniões, discussões e audiências públicas sobre questões urgentes e em curso relacionadas ao território de Suape contribuindo e unindo-se aos debates. Atualmente, estão em curso o projeto de pesquisa “Descolonizando Infraestruturas: Uma etnografia imagética do Porto de Suape”, financiado pelo CNPq, que visa propor uma análise das transformações infraestruturais, a partir dos inúmeros artefatos imagéticos e sonoros produzidos para e em consequência da construção do porto, explorando em paralelo como a infraestrutura portuária transformou o imaginário das comunidades envolvidas, suas percepções do futuro e suas temporalidades, e um projeto de mapeamento e pesquisa, incentivado pela Lei Paulo Gustavo/Pernambuco, que visa realizar pesquisa arquivística de material imagético sobre a região de SUAPE nas coleções fotográficas do fotógrafo francês Edmond Dansot, adquirida pela FUNDAJ e a do pernambucano Alcir Lacerda. O projeto envolve também oficinas de produção de imagens, curadoria e expografia com vistas à promoção do envolvimento das comunidades na preservação de suas memórias. O projeto não se limita apenas à coleta e análise de imagens, mas também busca ressignificá-las e colaborar na construção do museu, que tem como objetivo compartilhar e democratizar o acesso às imagens, estimulando sua politização e o surgimento de múltiplas interpretações e narrativas alternativas sobre o Porto de Suape. Assim, com a produção imagética em seu cerne, o museu torna-se também uma instância para abrigar, como museália, as falas das comunidades que foram impactadas pelo porto.

3. A musealidade das “Vozes de Suape”

No acervo do Museu Suape está à disposição do frequentador virtual um conjunto de curtas documentário, cujos protagonistas são moradores e lideranças comunitárias da Praia de Suape: Vozes de Suape¹⁴. Nele, lideranças comunitárias refletem sobre a possível instalação de um terminal de minérios, derivado do grande projeto da construção da ferrovia Transnordestina, iniciativa de infraestrutura ferroviária no Brasil com o objetivo de conectar o interior da região Nordeste ao litoral,

¹³ Disponível no canal de Youtube do Laboratório de Antropologia Visual (LAV) por meio do link: <https://www.youtube.com/watch?v=CMKsUpgXVR4>

¹⁴ Disponível no site do Museu Suape, <https://suapemuseu.com.br/noticias/colecoes/vozes-de-suape/>, acessado em 26 set. 2024:

melhorando a logística e o transporte de cargas na região. A Transnordestina prevê uma extensão de cerca de 1.753Km e foi projetada para ligar o Porto de Suape, em Pernambuco, ao Porto de Pecém, no Ceará, passando pelos estados de Piauí, Ceará e Pernambuco. O projeto, no entanto, viria a afetar ainda mais a comunidade já fortemente impactada pela construção do complexo portuário¹⁵.

A direção dos curtas, realizados em 2024, é dos professores Alex Vailati e Hugo Menezes Neto, do Departamento de Antropologia e Museologia e do Laboratório de Antropologia Visual, da Universidade Federal de Pernambuco. A cada vídeo de aproximadamente cinco minutos, os/as moradores/as e lideranças comunitárias refletem sobre novos desdobramentos dos processos de destruição socioambiental, encobertos pela sedutora ideia de desenvolvimento econômico. A equipe do Museu Suape reuniu cinco representantes, convocados/as para pensar acerca do referido projeto à luz da experiência adquirida ao longo de décadas de convívio com os grandes empreendimentos em seus territórios. O resultado é uma série de narrativas que mistura histórias de vida, pensamentos políticos e percepção dos impactos construídos na vivência e na luta coletiva.

Cada vídeo dá destaque a um dos protagonistas, evidenciando cinco cortes da conversa do grupo, em defesa da comunidade frente à atuação do complexo portuário e do resort e, especialmente, à possibilidade de mais um grande empreendimento. A projeção da instalação de um terminal de minérios gerou grande preocupação na comunidade, alinhamentos de discursos e alianças políticas internas. Nesse sentido, o conjunto de curtas *Vozes de Suape*, por um lado, se converte em um instrumento da luta política, pois colabora na divulgação da posição contrária da comunidade. Por outro lado, é o primeiro documento do tempo presente como constituinte do acervo do Museu Suape, informando dois princípios fundamentais: a musealidade da narrativa política da comunidade de Suape e a capacidade de musealização delas por parte do Museu.

Entendemos, portanto, que o Museu Suape não apenas musealiza registros audiovisuais do passado, como também produz novos registros dessa natureza, musealizando as narrativas políticas da comunidade do presente e, como efeito advertido, preservando o registro de uma plataforma de ideias temporalmente

¹⁵ Originalmente planejada para ser concluída em 2010, a ferrovia enfrentou diversos entraves como problemas financeiros, questões ambientais e desapropriações. Isso fez com que o cronograma fosse constantemente adiado. Embora algumas partes da ferrovia tenham sido construídas, grande parte do projeto ainda está inacabada. A previsão de entrega da obra tem sido revisada várias vezes, mas a conclusão completa da ferrovia continua a depender de novos investimentos e acordos.

localizadas. A noção de narrativa acionada aqui é de Corinne Squire, que a define como:

Uma cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares, e não gerais. Esta definição significa que narrativas podem implicar conjuntos de signos que se movimentam temporalmente, causalmente ou de alguma outra forma socioculturalmente reconhecível e que, por operarem com a particularidade e não com a generalidade, não são reduzíveis a teorias (Squire, 2014, p. 274).

Estamos lidando não com a musealização do suporte, do filme, mas sim do conteúdo, dos debates, falas e análises da comunidade, o que chamamos genérica e intencionalmente de narrativas. Trabalhamos com o conceito de musealização em seu sentido mais ampliado, para além das coisas, expandido a ideia de objeto de museu, uma vez que o conceito de museu virtual também expande a própria ideia de museu. Investimos na musealização como categoria inerente à experiência museal, pensada enquanto ação intencional de seleção e a transformação de coisas em museálias, peças representativas de uma dada realidade a constituir os acervos e engendrar a lógica memorial dos museus (Desvallées; Mairesse, 2013). Tomando de empréstimo a categoria musealização e tensionando-a, entendemos que as narrativas da produção fílmica sobre Suape, integrante do acervo do Museu Suape, são as coisas mais importantes a serem preservadas e difundidas por meio do livre acesso, e também a se transformarem em “objetos de museu”. Ao mesmo tempo em que registros audiovisuais, como o “Vozes de Suape”, são plataformas para a fala da comunidade, sua realização atua como metodologia para produção de dados e, desdobra-se em processos de construção de autoimagem de sua comunidade. Ora testemunhos da luta contra os impactos socioambientais, ora momentos privilegiados para articulação do pensamento e posicionamento da comunidade.

O filme e as narrativas que o integram têm musealidade, valor simbólico que o torna merecedor de preservação e salvaguarda, que o diferencia de outras produções dispersas na virtualidade. São museálias pelo potencial de evidência de alguma “dobra do real” (Scheiner, 2012)¹⁶ que são, por si memórias traumáticas e grandes renarrações da realidade, reconstruções da história de um ponto de vista específico de quem teve a vida precarizada e viu o ambiente ser destruído. São museálias porque ainda oferecem material para a criação de narrativas e memórias críticas que

¹⁶ A musealidade para Tereza Scheiner (2012, p. 18): “é um valor atribuído [por meio das coisas] a certas “dobras” do real, a partir da percepção dos diferentes grupos humanos sobre a relação que estabelecem com o espaço, o tempo e a memória, em sintonia com os sistemas de pensamento e os valores de suas próprias culturas”.

contradizem aquelas governamentais e hegemônicas, fazendo do Museu Suape um espaço de mobilização e inquietação; de recriação de conteúdos políticos e memoriais em torno do impacto dos grandes empreendimentos.

Vozes de Suape guarda ainda nomes importantes para gerações, pessoas experientes que acompanharam o processo de transformação da Praia de Suape, a instauração do complexo portuário e do resort, pessoas sendo despejadas, mangues aterrados, faixa de areia dragada, recifes de corais dinamitados, correntes marítimas desviadas. Viveram o crescimento desordenado da vila, expresso principalmente no aumento da violência, na falta de saneamento básico e de equipamentos públicos. O conjunto de curtas conta com a participação de moradores e lideranças comunitárias reconhecidas pela população da Praia de Suape, são eles: Rildo Plínio da Silva, conselheiro tutelar, artista e mestre da cultura popular da comunidade; Oneida Tibúrcio, professora aposentada, atuante no campo da educação; Oyama Bastos, presidente da Associação dos Passeios Turísticos do Cabo de Santo Agostinho e líder dos barqueiros; Gicléia Maria, liderança da colônia de pescadores; e Ivanildo Plínio da Silva, liderança comunitária no campo da cultura. Juntos, eles refletiram sobre o projeto do Terminal de Minérios na Ilha de Cocaia (território da comunidade), especialmente voltado para o escoamento de grandes volumes de minério de ferro e outros minerais extraídos na região Nordeste. Suas narrativas são agora objetos do Museu Suape. Vejamos as falas musealizadas e que compõem o acervo do Museu.

Rildo Plínio expõe argumentos contra a implementação do Terminal de Minérios na Ilha de Cocaia, que cruza a destruição do ambiente com a precarização da vida das famílias que vivem na comunidade. Para ele, o empreendimento seria mais um passo na destruição ambiental, impactando a pesca das marisqueiras, que sobrevivem dos mariscos oriundos da Ilha de Cocaia, e aqueles que vivem do turismo, como os barqueiros que fazem passeios da praia em direção às ilhas. Todavia, por sua intensa relação com a cultura da comunidade, ele chama a atenção para a destruição da cultura local que, de seu ponto de vista, depende do ambiente para existir, como a Festa da Ouriçada. O evento ocorre anualmente no dia 13 de dezembro, quando a comunidade vai de barco para assar ouriços, comê-los com farofa, em um dia de celebração à Santa Luzia. Rildo encerra sua fala pontuando os problemas que considera mais graves, como a destruição dos manguezais e dos arrecifes, além dos desvios dos cursos dos rios; e ainda relembra o episódio da expulsão das famílias que moravam na Ilha de Tatuoca (território da comunidade),

expulsas quando da ampliação do Complexo Portuário de Suape e implantação do Estaleiro Atlântico Sul, em 2005.

Eu sou Rildo Plínio, conhecido por Guega, morador da Comunidade daqui de Suape, filho de pescador e meus irmãos também são pescadores. Faço parte da comunidade aqui e estou sempre envolvido com a cultura, com a arte e defensor dessa comunidade que eu faço parte. Para mim a instalação dessa mineradora na Ilha de Cocaia vai ser muito prejudicial. Primeiro, a Ilha é quem fornece marisquinho para toda a região. É um local onde as marisqueiras pegam seu sustento. Ali tem várias famílias pegando seu sustento e distribuindo para a região aqui, tanto da região de Ipojuca, como do Cabo. As praias são alimentadas por esse marisco e esse marisco contaminado não vai servir mais para poder alimentar esse pessoal aqui nesse litoral. A Ilha fornece para o turista um passeio, mas a ilha também é uma ilha cultural, acontece nessa Ilha de Cocaia a festa da Ouriçada, em 13 de dezembro. Essa Ilha é uma referência para as nossas comunidades aqui perto. Além do passeio de lancha, passeio de catamarã, a visita de turista na Ilha, tem pessoas aqui da comunidade que vai passar o final de semana na Ilha, essa mineradora vai acabar com tudo isso. Então é muito prejudicial para a cultura, o turismo aqui para as nossas comunidades. E esse pessoal quando eles pensam, os empresários quando eles pensam, eles não procuram a Comunidade para discutir o assunto. Vêm e implantam. A implantação do Porto para muita gente foi muito boa, trouxe muito emprego, trouxe muita transformação, mas, o meio ambiente foi destruído. Aqui no Porto de Suape foi desviado o Rio Ipojuca que ele desaguava aqui na bacia de Suape, não faz isso mais. Foi aprofundado do lado do Porto e tirado metade da ilha. Na Ilha de Cocaia foi aberto um arrecife, e o arrecife é protegido, e foi aberto 300 metros, aprofundado 25 metros para poder entrar os navios. Hoje o rio Massangana, a maior quantidade de água não deságua mais na frente do Forte, e sim pela área do Porto, porque lá é mais fundo. Então vem há muito tempo prejudicando tudo, já destruíram muito manguezal, já destruíram como Oyama falou, a mata atlântica. Já vai destruindo as famílias porque retiraram do ambiente dela lá e trouxeram para uma vila que eles acham muito boa, mas para essas comunidades que foi retirada de lá não presta. E vem acontecendo a cada momento, uma destruição, retirando as comunidades dos seus locais e com essa mineradora e essa Transnordestina, não vai ser diferente, além de destruir o ambiente, vai contaminar toda a área, todo o manguezal, todo o mar e é onde os pescadores se alimentam e vai buscar seus peixes.

Dona Oneida Tibúrcio, por sua relação com a educação, argumenta em torno da falta de esclarecimentos e de consulta à comunidade. Assim como Rildo criticou os “empresários que não procuram a comunidade”, Oneida denuncia a forma propositalmente excludente e arrasadora dos grandes empreendimentos que já chegaram na Praia de Suape destruindo o território sem explicações, implementando projetos predatórios sem expor aos moradores os efeitos negativos e os impactos ambientais. Faz parte da dinâmica de instauração dos grandes empreendimentos a falta de diálogo e o confisco do que ela chama de “direito à natureza”, que gera, em

seus termos, “danos à comunidade”. No fim de sua explanação, Oneida se mostra parte da comunidade que não se posiciona contra os projetos de desenvolvimento, que aponta ganhos com a ampliação de infraestruturas, mesmo em se tratando de um projeto caótico de urbanização sem planejamento – como transporte públicos, asfalto, água encanada e energia elétrica. Contudo, ela enfatiza as consequências inadvertidas, causadas pela falta de clareza e conduta predatória dos grandes empreendimentos, como a vulnerabilidade social e ambiental em decorrência da ausência de "proteção" ou "reparação adequada", previamente acordadas.

Sou Oneida Tiburcio de Lemos. Nascida aqui na Praia de Suape, Cabo de Santo Agostinho. Trabalhei aqui como professora. Me aposentei como professora, envolvida na cultura. E também em todos. Os projetos que entram por aqui, sempre eu apoio a benefício da comunidade, dos jovens, das crianças. De todos, né? Me envolvo muito na igreja católica. E sou daqui da comunidade. Sou filha de agricultor. Agricultor, alguns pescadores também. Porque na época, eu estou com 77 anos. A sobrevivência aqui era a pesca e a agricultura. A minha mãe e a família também trabalhava com argila. E, eu, professora, envolvida na comunidade. Olha, existe uma grande preocupação, não só da comunidade de Suape, talvez até do Estado em peso, em relação a esse terminal de minério. Eu acho que, é muita falta de pensar de quem fez este grande projeto que só pensa em ganhar, não pensa na destruição. E fazer isso, acabar com os litorais. Porque, acabar uma coisa que pouco está existindo. Aqui havia esse arquipélago, hoje está sendo todo destruído. Fecha um rio de um lado, fecha do outro. O pessoal vai ficar sem esse direito, o direito da natureza. Vamos pensar direitinho, quando for criar um projeto, pense também na humanidade, na flora, em tudo afinal do local. Porque isso aí, vai trazer um grande prejuízo para todos. A saúde acabou assim. Para onde vai esse povo? E não pensam também em orientar as comunidades onde vão implantar esses projetos. Porque não esclarece? Então, quando vem, já vem pronto a comunidade que se ferra. Não sabe o que é que vem. As indústrias chegaram. Todas elas estão funcionando? Não. A gente vê tanta ferragem lá destruída. Porque não continua? Chegou? Ganhou? Tá bom? Não. Não pode ser assim. Acho que tem que ser tudo esclarecido. Não pode. Já passou o tempo da escuridão, o tempo do povo não enxergar. Hoje tão avançado e porque não esclarece as coisas? Porque ainda tem muita gente que desconhece de tudo. E esse desconhecimento deve acabar. Deve ser esclarecido. Não é chegar sem ninguém saber o que vai acontecer. Agora que se tivesse antes um esclarecimento viesse dizer, não tomar uma ilha toda, minha gente. Basta o que já tomou do manguezal. Acabou com uma maternidade de peixe. Acabou com rios. Hoje você vê essa área, Não é mais. Não está certo? Houve mudança? Houve. Foi bom? Foi. Mas, pensar o prejuízo também? Vamos ver como fazer o espaço não é tão grande porque não leva para outro lugar. Basta. Já destruiu isso aqui. Não sou contra o progresso, não sou contra projetos, mas, pensado, orientado, esclarecido.

Oyama Bastos, representa parte da população da Praia de Suape que trabalha com o turismo, os barqueiros. Esses profissionais autônomos, organizados em uma

associação, fazem passeios principalmente para as ilhas de Tatuoca e Cocaia, as mais próximas da orla de Suape. Para tanto, precisam de autorização oficial, incluindo um curso dado pela própria Associação. Logo, na fala de Oyama é bastante presente a preocupação com o trabalho. Em sua perspectiva, a destruição da natureza que conforma a especificidade da Praia de Suape é também o fim da atividade turística praticada pela própria comunidade. Sua visão é bastante crítica e catastrófica, tem como base sua experiência morando em outras regiões portuárias do Brasil. Ele cita o exemplo contundente do Terminal de Minérios de Tubarão, em Vitória, no Espírito Santo, que, em sua narrativa, produz o “pó da morte”, um pó preto derivado do minério, que se espalha pelo ar contaminando tudo e destruindo a natureza e o turismo. Oyama se apresenta como um comandante que convoca a comunidade alarmando-a a partir de uma imagem síntese do fim integral: o fim da natureza, da cultura e da vida. Em sua perspectiva, Oyama se aproxima de Oneida e afirma não ser contra o progresso, mas contra um desenvolvimento desatento à preservação da natureza e descuidado com o sustento comunitário. Por isso, defende que as remoções/expulsões sejam feitas com respeito aos modos de vida e busque profissionalizar as pessoas removidas das ilhas, com vistas à manutenção de seus recursos financeiros, evitando o erro cometido com as famílias removidas no passado, na Ilha de Tatuoca, fato igualmente citado por Rildo.

Bom dia a todos, eu me chamo Oyama Bastos, sou oficial da Marinha Mercante, aposentado, hoje me faço presidente da Associação dos Passeios Turísticos do Cabo de Santo Agostinho e Cidades adjacentes, sou instrutor de navegação e estou aqui para defender o litoral. Eu como navegador passei 42 anos no mar e conheço vários terminais de Minério. Conheci o Terminal de Minério aqui no Brasil, o Terminal de Tubarão em Vitória do Espírito Santo. Não tem vida, não tem fauna, não tem flora. A vida local não existe, as casas desvalorizaram, você passa a mão na vidraça, é um pó preto, o pó da morte. O pó do progresso, mas o pó da morte para a população, porque as pessoas não vão conseguir viver aqui. Esse pó, o pó preto, o pó da morte, vai tirar as pessoas daqui, ou vai tirar, ou vai dar um problema de pulmonar, ou vai dar um câncer e assim por diante. As tradições pernambucanas estão tudo indo embora, nós temos aqui Guega [Rildo] que luta por isso, luta para manter essa cultura, mas nós temos vários empresários aqui, mas que eles querem o que? Só crescer financeiramente, só o progresso dele. Eles esqueceram da nossa tradição, esqueceram do coco, esqueceram da ciranda, esqueceram das quadrilhas juninas, esqueceram que tem uma população aqui que não tem mais lazer. Aí o progresso chegou sim, nós vamos viver, não vamos ter mais água, lembrando que a nossa água potável está indo embora, já existe países que não tem mais água potável. Vamos viver também disso, o progresso chegou sim, mas vamos conciliar, vamos dar coisa certinha, um do lado do outro para poder conviver com isso, luto muito com isso, tento convencer as pessoas, a ver isso, as pessoas, descruzarem os braços e dizer não a esse terminal. Esse terminal é uma morte para a nossa

comunidade, esse terminal vai acabar com o que nós temos ainda aqui, esse ar que a gente respira, o Tiriri está sendo destruído, nós temos o resíduo da mata atlântica que está sendo destruída, a mata atlântica que já é uma coisa minúscula, já está sendo destruída e vai ser destruída mais ainda, porque esse pó vai tirar o verde e o verde vai ficar marrom, nós não vamos ter mais oxigênio para isso. Suape é a praia dos passeios náuticos, dos passeios turísticos, Suape é a primeira praia sem barreira, como é que eu vou trazer um deficiente para uma praia que é sem barreira, que ela não pode respirar um ar puro, ele já tem um problema dele ainda, vai ter um problema da contaminação do ar. Isso aqui é uma praia sem barreira, isso aqui é a praia dos passeios náuticos, eu hoje me faço presidente da associação dos passeios, e sabemos que isso vai acabar, quem quer fazer um passeio no terminal para respirar pó de carvão, não tem, então o nosso turismo vai embora, e nós vivemos do turismo. O pessoal aqui vive da pesca e do turismo, o pessoal pesca para passar para os microempreendedores, e os microempreendedores passam para os turistas, é uma roda e essa roda vai acabar, não tem como a gente conviver. Dessa maneira que eles que estão impondo a comunidade fazer, fizeram em Tiriri e tiraram o pessoal da Tatuoca e jogaram o pessoal para lá, mas deram capacitação esse pessoal? Deram alguma profissão para esse pessoal? ensinou esse pessoal a ler, por acaso? Não... Está aqui, tu está indenizado, toma 25 mil, te vira. Botei uma casa para você, vai morar lá. E esse pessoal vai viver de quê? Se vivam da pesca? eles não sabem fazer outra coisa, eles não sabem viver numa cidade de pedra. Eles viviam dentro de um ambiente saudável, eles não sabem mais viver com essa situação. Nós tentamos ajeitar a situação, alfabetizar esse pessoal, tentar botar esse pessoal para ter uma carteira marítima, para ter uma carteira e pelo menos eles fazerem os passeios turísticos. Tiraram e jogaram o pessoal. Eles viviam praticamente isolados naquela Tatuoca, e agora vamos fazer o que? Aceitar que eles façam isso, aceitar que a Transnordestina traga esse minério para cá? Me desculpe, mas, eu não aceito.

Gicléia Maria, tal qual Oyama, fala em nome de uma categoria de profissionais importante para a história e dinâmica da vila: os pescadores. Suas reflexões se encontram na perspectiva do apelo à sobrevivência, uma vez que para ela também há um grande colapso no horizonte com a possível chegada do terminal de minérios na Ilha de Cocaia. O Terminal, para ambos, é sinal de uma inevitável contaminação que acabaria, de modo igualmente inevitável, com a atividade pesqueira que dá vida, história, memória e subsistência à grande parte da comunidade. Ainda em conexão não programada com Oyama Bastos, a contaminação da ilha com o minérios findaria por soterrar os resquícios culturais da comunidade da Praia de Suape, compondo a díade, fim da natureza - fim da cultura, bem como outra que ela também elabora, fim da cultura - fim da vida como ela era. A narrativa de Gicléia, entretanto, é mais combativa à presença do Porto, implicado diretamente na destruição da natureza e da cultura da comunidade da Praia de Suape desde sua chegada. Isso se explica, em

alguma medida, pelo embate entre a colônia de pescadores da qual ela faz parte (e até já presidiu), e a empresa Suape, que gerencia o complexo industrial-portuário.

Bom dia a todos, eu me chamo Gicléia Maria, eu sou nativa de Suape, tenho 42 anos, nasci e cresci aqui. Minha família é toda daqui de Suape da área da pesca, da vila de pescadores que é aqui em Suape. Eu continuo na pesca, sou pescadora de alto mar. Hoje eu estou como secretária da Colônia de Pescadores trabalhando para os pescadores na região do Cabo de Santo Agostinho. Como eu sou pescadora e trabalho com pescador, para mim, essa ferrovia, esse depósito de minério que vem aí, para muitos é um empreendimento bom porque é porta para emprego. Mas, nós que vivemos da luta, vivemos do mar, é um desastre, um desastre total porque se o minério vem ali para o depósito numa ilha que é rica de crustáceo, de peixes, a gente vai ficar sem eles. Quem é que vai trabalhar numa ilha contaminada? Quem é que vai comprar o produto da ilha contaminada? Não existe, não tem como viver nessa situação. Ali é rico de manguezal que é a reprodução dos peixes. Peixes de todas as qualidades, saem do mar, reproduzem e volta para o mar. Se ali o minério vir, vai ter um ambiente respiratório? Para mim essa ferrovia não é de acordo, esse minério não é de acordo nem para mim e nem para a comunidade, principalmente a comunidade que vive da área. Eu falo por mim, pescadora, e falo também pelos agricultores que têm sua terrinha, plantam sua macaxeira, seu inhame, as plantas frutíferas que têm muito aqui. Aqui tudo tem, aqui no Cabo de Santo Agostinho tudo dá para plantar e a ferrovia vem arrancando tudo, cortando, tirando as suas comunidades de seu habitat, de sua convivência, de sua cultura e hoje a gente vai viver sem isso. Suape não vai ser mais o mesmo, já não é, porque a gente tinha uma cultura antigamente. Uma cultura da minha avó, da minha bisavó, dos meus tios. Hoje a gente não tem mais. Eu queria tanto que tivesse minha avó, para ter a ciranda dela, ela gostava de cantar e até hoje eu vejo a minha avó cantar para a gente quando era pequena. E hoje não tem mais e tem esse porto e agora a ferrovia terminando de acabar tudo. E a gente, como vai ficar na pesca? Caiu muito a pesca com o Porto, mas, a gente vive da pescaria, não vive de outra coisa. Quem gosta mesmo de pesca não procura outro emprego, se sustenta da pescaria. E a gente está aqui, vendo que esse Suape vai acabar, o Porto de Suape vai acabar com tudo.

A última de nossas narrativas musealizadas aqui apresentadas é a de Ivanildo Plínio da Silva, um conhecido artista e arte educador da Praia de Suape. Ivanildo expressa, ao seu modo, um sofisticado e complexo entendimento do contexto de sua comunidade frente aos grandes empreendimentos. Para ele, “a ilha é viva” e sua sobrevivência está em risco contínuo de morte desde a implementação do Porto de Suape, e neste momento, em um risco iminente com a possível contaminação proveniente do projeto de instalação do Terminal de Minérios. É interessante a formulação de Ivanildo sobre a morte da ilha, explicando que se trata da morte de “vários tipos de vida”, da fauna e flora, de humanos e outros animais, de uma comunidade humanimal integrada radicalmente à natureza. Há nessa narrativa um desencanto com a luta política, de quem já sofreu derrotas irreversíveis e não

consegue contar com mais ninguém, pois não houve, e não há, quem defendesse a comunidade. De acordo com Ivanildo, há, outrossim, um conflito simbólico entre a comunidade e seus interesses em preservar a natureza, a pesca artesanal e o turismo comunitário, versus quem só vislumbra o lucro, ou seja, o poder público e os grandes empresários que sabem o que vai acontecer, porém, “deixa fazer”.

Eu sou Ivanildo Plínio, arte educador, filho de pescador, tenho 48 anos e nasci, fui criado e moro ainda aqui em Suape. Também vim participar dessa conversa, desse debate, para a gente escutar a nossa comunidade e a transformação que está tendo e teve no nosso município. A transformação trouxe coisas, mas deixou uma herança muito pesada para a nossa comunidade. Vamos dizer, eu me lembro que quando o Porto foi criado, existiu protestos, existiu... De todo tipo de forma, e tinha dito que não poderia acontecer mais isso. E hoje a gente vê na nossa comunidade mesmo e não é só a para de Suape, é o município todo, é o estado de Pernambuco. Porque quando atinge uma comunidade, atinge um município, atinge o estado todo. Porque o município transporta várias coisas para fora e termina atingindo todo mundo. E a gente vê as contaminações que acontecem em outros locais e as pessoas que querem trazer para aqui, onde vai acabar com a flora, com a fauna, com a natureza mesmo. Porque assim, a ilha, como todo mundo já sabe, a ilha é viva. E você vai matar, porque não tem outro nome, você vai matar a ilha. Matando a ilha você vai matar vidas, não só uma vida, mas vários tipos de vidas, vários tipos de coisas que é lucrativo para a comunidade, para o estado, para o município. Porque o turismo depende da natureza. E se você mata a natureza, não pode ter aquele turismo. E isso a gente vê, o prejuízo que vai ter, o prejuízo que já teve, e o prejuízo que pode acontecer diferente, o que mais agressivo para mim é entender que as pessoas sabem o que vai acontecer, sabe como funciona, mas deixa fazer. E isso para mim é absurdo, absurdo, porque a gente tem hora que diz assim, a gente pode contar com quem? Porque quem podia representar a gente, não representa, não defende, e a gente está brigando sozinho, brigando com pessoas que não querem saber da comunidade, não querem saber da pesca, não querem saber do turismo, querem saber do seu lucro.

4. Algumas conclusões

O Museu Suape é um projeto que atua na virtualidade angariando e produzindo registros audiovisuais e fotográficos ligados aos impactos socioambientais em uma região de intensa e assimétrica disputa entre a comunidade local tradicional, essencialmente de pescadores, e os grandes empreendimentos capitalistas predatórios. A iniciativa reivindica ser um museu, não sendo apenas mais uma página na internet, e essa escolha ilumina três eixos ou consequências fundamentais: 1. a memória e as narrativas da comunidade da Praia de Suape acerca do Complexo Industrial e Portuário de Suape são relevantes para a consulta pública em um espaço

museal com vistas a conscientização socioambiental e, portanto, precisam de preservação e difusão; 2. o valor histórico-antropológico e museológico, uma musealidade, nos registros da comunidade impactada, especialmente no que concerne às narrativas e ao pensamento crítico dos/as moradores/as inscritos em um repertório de luta política construído na vivência coletiva e cotidiana com a destruição ambiental. Por isso precisam, tais registros e repertórios, de salvaguarda; 3. a noção de museu, que exalta ainda a persistência da força dessa categoria/instituição para legitimar narrativas e produzir verdades, sobretudo diante de uma desequilibrada disputa na qual a comunidade tem sempre perdido.

Na prática, a experiência museal promove deslocamentos de sentidos, quando, por exemplo, direciona a atenção museológica do filme enquanto obra do acervo, para as narrativas dele constitutivas, que passam a ser as verdadeiras museálias trabalhadas, preservadas e expostas. Temos no Museu Suape, enfim, um acervo com o pensamento crítico de uma comunidade sobre suas vidas no Antropoceno.

A discussão sobre o colapso socioambiental e crise climática deve ser um pauta urgente para qualquer museu (Menezes Neto; Costa, 2019), uma vez que, em última instância, estamos falando sobre o fim da vida humana na Terra devido à ação antrópica capitalista (Latour, 2020; Danowski & Viveiros de Castro, 2017). Os museus, são bons instrumentos para provocar um debate que promova a elaboração de ideias críticas aos paradigmas culturais (auto)destrutivos da modernidade e do capitalismo, e de propostas em torno de novos modelos socioeconômicos e socioambientais. Tal qual as narrativas do Vozes de Suape nos apresenta, os museus podem difundir largamente as vozes das populações afetadas e não apenas aquelas dos intelectuais especialistas, oferecendo novas formas possíveis de viver e partilhar o mundo com outros seres vivos.

O Museu Suape, de modo inadvertido, desconfia da aplicabilidade e da eficácia da noção de sustentabilidade propalados pelo discurso desenvolvimentista, como também da força legal das medidas mitigatórias dos grandes empreendimentos, porque essas nunca funcionaram para a comunidade da Praia de Suape. Assim, o Museu Suape, para construir o seu acervo, se depara com o passado ancorado em promessas de um futuro promissor, fundamentado no discurso sedutor do desenvolvimento; e ao mesmo tempo entende o presente como esse futuro que nunca chegou, dando atenção às questões prementes das pessoas que vivem no caos produzido pelas intervenções capitalistas. Politizando abertamente sua atuação na virtualidade, o Museu Suape aponta para a formação de um acervo cujas peças mais

importantes - as narrativas da comunidade - questionam as diretrizes neoliberais que destroem o planeta.

Por fim, vale ressaltar que o aumento do número de museus virtuais ilumina o papel social dessas instituições para discutir com a sociedade, a partir dos conteúdos memoriais e patrimoniais, temas caros ao contexto atual, como qualidade de vida, desenvolvimento humano, bem-estar, igualdade social e socioambientalismo. Ações como o Museu Suape demonstram o potencial de mobilização e transformação social dos espaços museais, mesmo que no universo virtual, por meio de exposições, acervos e outras atividades com força para politizar, conscientizar e reagir.

Referências

ALVES, Stevam Gabriel. *Conflitos socioambientais de populações tradicionais no complexo portuário industrial de Suape – Pernambuco*. 2020. 150 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e políticas das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

COSTA, Heitor Scalabrini. Impactos do Complexo Industrial Portuário de Suape na Região Metropolitana de Recife. In: BARROS, Joana et al. (Org.). *Caderno de Debates 3: cidades, indústrias e os impactos do desenvolvimento brasileiro*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2014.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2017.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2013.

LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre natureza e antropoceno*. Rio de Janeiro: Ubu, 2020.

LIMA, Diana de. Museologia, campo disciplinar da musealização fundamentos de inflexão simbólica: "tematizando" Bourdieu para um convite à reflexão. *Revista Museologia e Interdisciplinaridade*, v.11, n.4, p.48-61. 2013.

MENDONÇA, Elaine Cristina Salgado. *Mudanças na Suape Pesqueira*. Trabalho de Conclusão do Curso de bacharelado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2024.

MENEZES NETO, Hugo; COSTA, Sue. O Antropoceno no Museu do Amanhã (RJ): perspectivas críticas à exposição de longa duração. *Museologia e Patrimônio*, v. 12, n. 1, p.118-138, 2019. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/744/671>. Acesso em: 09 dez. 2024.

MORIM, Júlia; VAILATI, Alex. O museu SUAPE: reflexões sobre a contramusealização dos acervos visuais. *Iluminuras*, v. 24, n. 65, p.172–199, 2023.

OLIVEIRA, Luísa Duque Belfort; MONTEIRO, Mariana Vidal Maia. Da (in)justiça ambiental e das resistências que brotam da vulnerabilidade: o caso das comunidades impactadas pela implantação do Complexo Industrial Portuário de Suape. In: DOS SANTOS, Mariana Olívia Santana; DO MONTE GURGEL, Aline; GURGEL, Idê Gomes Dantas (Orgs.). *Conflitos e injustiças na instalação de refinarias: os caminhos sinuosos de Suape, Pernambuco*. Recife: Editora UFPE, 2019. p.285-312.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. *Embarcações do encantamento: trabalho sinônimo de arte, estética e liberdade na pesca marítima*. São Cristóvão: Editora UFS; Campinas: Ceres - UNICAMP, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015

SANTOS, Cecília Barreto Monteiro dos. *A governança dos conflitos socioambientais nos limites do complexo industrial portuário de SUAPE-PE*. 2011. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SASSEN, Saskia. *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

SCHEINER, Teresa. (2012). Repensando o museu integral: do conceito às práticas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v.7, n.1, p.15-30. 2012

SCOTT, Parry. *Negociações e resistências persistentes: agricultores e a barragem de Itaparica num contexto de descaso planejado*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

_____. Projetos de desenvolvimento e o disciplinamento de mulheres no tempo e no espaço. *Cadernos Pagu*, n. 52, 2018, p. 185-204.

SILVA, Ana Claudia Rodrigues da; MENEZES NETO, Hugo. Contaminações: antropoceno e narrativas de desenvolvimento na praia de Suape, Cabo de Santo Agostinho (PE). In SILVA, Ana Claudia Rodrigues da; MENEZES NETO, Hugo (Orgs.). *AYÉ ambientes e conflitos no antropoceno*. Ed. Universitária da UFPE, Recife, 2024. p.17-40.

SILVA, Ana Claudia Rodrigues da. Cartografia humanimais: incidentes entre tubarões e humanos no litoral de Pernambuco/Brasil. In: SILVA, Ana Claudia Rodrigues da; MENEZES NETO, Hugo (orgs.). *AYÉ ambientes e conflitos no antropoceno*. Ed. Universitária da UFPE, Recife, 2024.p. 40- 63.

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? *Civitas–Revista De Ciências Sociais*, v.14, n.2, p.272-284, 2014.

VAILATI, Alex Giuliano; ACIOLI, Maíra Souza e Silva. Acervos imagéticos do Porto de Suape: Projetos de futuro, resistências do presente. *Revista Mundaú*, n.14, p.209-234, 2023.

Data de recebimento: 21.11.2024

Data de aceite: 26.11.2024